



SIMBOLOGIA SAGRADA E PROFANA EM “TORTO ARADO” DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Nadiel Cavalcante de Sousa*¹

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) ua. Tamanho 10.)

e-mail: nadielduval@hotmail.com

Eloyse Emmanuelle Rocha Braz Benjamin

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte (U

e-mail: eloysebraz@gmail.com

Francisco Vinícius Ferreira Gomes*²

*Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) (Fonte Bomanho 10.)

e-mail: viniciusfergomes@hotmail.com

Resumo: Os símbolos são elementos que estão presentes no universo e suas significações revelam contextos importantes para o conhecimento da humanidade. Assim, é perceptível que as narrativas literárias tragam em suas tramas uma gama desses elementos, contribuindo para melhor compreendê-las, assim também como os elementos que fazem parte do mundo. Esta pesquisa tem por objetivo apresentar os significados dos símbolos sagrados e profanos em *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior. Para isso, dividimos o estudo em dois momentos: a priori, elaboramos discussões teóricas acerca da religiosidade e, posteriormente, apresentamos uma análise dos símbolos sagrados e profanos. Seguimos um percurso metodológico, inferindo que esta pesquisa é do tipo qualitativo-bibliográfica. Para embasamento teórico nos debruçamos sobre os estudos de Elaide (2010) e Chevalier Gheerbrant (1998). Conclui-se que os símbolos sagrados e profanos contidos na obra *Torto Arado* (2019) podem colaborar para que compreendamos mais sobre a cultura, a religião, o homem e o mundo.

Palavras-chave: Torto Arado. Símbolos. Sagrado. Profano.

Sacred and profane symbology in *Torto Arado* by Itamar Vieira Junior

Abstract: Symbols are present elements in the universe and their meanings reveal important contexts for the knowledge of humanity. Thus, it is noticeable that literary narratives bring a range of these elements intertwined in their plots, contributing to a better understanding of literary works and the elements that are part of the world. Given this, this research aims to present the meanings of sacred and profane symbols in *Torto Arado* (2019) by Itamar Vieira Junior. Hence, we divided the study into two moments. Initially, we bring theoretical notes on the religiosity, finally, analyzing the sacred and profane symbols. Given the purposes, this research is of a qualitative bibliographical type. For theoretical support, we focus on the studies of Elaide (2010) and Chevalier Gheerbrant

¹Mestre em Educação Física (UFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2852031545641389>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9751-2015>.

²Mestre em Sociologia (UFCG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1941094972996084>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6123-5327>.

³Mestre em Educação Física (UFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7402778699807967>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1144-4905>.



(1998). This study concludes that the sacred and profane symbols contained in *Torto Arado* (2019) can help us to understand more about culture, religion, the man and the world.

Keywords: Torto Arado. Symbols. Sacred. Profane.

Introdução

Torto Arado (2019) é uma das obras literárias brasileiras mais premiadas e lidas na atualidade. A narrativa de Itamar Vieira Junior retrata as causas e as lutas dos povos quilombolas na Chapada Diamantina, em busca do reconhecimento da propriedade do espaço em que habitam. Contudo, uma obra de tal magnitude não se limita a esse viés; no seu escopo, aborda uma diversidade de fenômenos simbólicos contidos em práticas religiosas.

Conforme Durkheim (2000), a religião é um fato social que não necessariamente precisa estar ligado à figura do divino para ser considerado sacralizado, uma vez que suas práticas e significados variam de acordo com os contextos em que são vivenciadas. Durkheim (2000) e Eliade (2010) refletem de maneira similar, inferindo que a religião é constituída por dois polos: o sagrado e o profano. O sagrado está voltado para o universo sacralizado, representando o bem e os valores; enquanto o profano refere-se às coisas supérfluas e passageiras do mundo.

Nesse sentido, Itamar apresenta em *Torto Arado* (2019) um relevante compêndio de símbolos sagrados e profanos que merece ser investigado. Sousa (2018) realizou uma pesquisa que analisou os símbolos sagrados e profanos presentes nas festas juninas, revelando que eles estão disseminados em todas as esferas da sociedade, funcionando como mecanismos vivos que revelam informações importantes sobre nossa identidade, nossas origens e contribuições significativas para a cultura e a história.

Dada a relevância do tema, este estudo justifica-se ao demonstrar que as obras literárias brasileiras, incluindo *Torto Arado* (2019), são caminhos para o desenvolvimento do conhecimento, pois abordam questões frequentemente negligenciadas no cotidiano, como os símbolos sagrados e profanos. As significações desses símbolos contribuem para o entendimento do fenômeno da religiosidade em seus contextos culturais, históricos e sociais, evidenciando a indissociabilidade da sociedade e da religião, e como o homem se forma também por meio de suas práticas religiosas.



A pesquisa em questão é de abordagem qualitativa, apresentando discussões e análises com um caráter reflexivo. Algumas das discussões teóricas foram extraídas de periódicos científicos, como Scielo e Google Acadêmico. As buscas foram realizadas com descritores como *Torto Arado*, *sagrado*, *profano* e *símbolos*. Diversas pesquisas foram encontradas, mas somente aquelas que se aproximavam do nosso foco foram selecionadas após a leitura dos resumos. Assim, afirmamos que nossa pesquisa é qualitativa do tipo bibliográfica, pois algumas das discussões teóricas elencadas ao longo do estudo provêm de livros e/ou artigos científicos.

O objetivo da pesquisa é apresentar os significados dos símbolos sagrados e profanos em *Torto Arado* (2019) de Itamar Vieira Junior. Para isso, dividimos a análise em dois momentos: inicialmente, elaboramos considerações teóricas sobre a religiosidade, e, em seguida, apresentamos a análise dos significados dos símbolos sagrados e profanos presentes na obra. A categoria de análise simbólica mais evidenciada em nosso estudo, para confirmar a presença do sagrado e do profano, será permeada por alguns substantivos encontrados ao longo do texto. Utilizaremos também, em menor frequência, a onomástica, que é o estudo da origem e do significado dos nomes próprios, para categorizar os símbolos sagrados e profanos.

Para finalizar esta seção, é necessário esclarecer que, para definir o significado de um símbolo como sagrado ou profano, é essencial reconhecer que o agente cultural influencia essa tarefa. Um símbolo pode ter um significado sagrado na cultura ocidental e, de maneira oposta, na oriental. Portanto, nesta pesquisa, adotamos um olhar que investiga tais fenômenos em *Torto Arado* (2019) sob uma perspectiva mais ocidentalizada. Isso não implica discordância com outros pensamentos acerca do que será apresentado; ao contrário, a pesquisa visa trazer novos apontamentos e ampliar o conhecimento sobre o tema.

1 Símbolos e significados em “Torto Arado”

1.1 A religiosidade em “Torto Arado”

A religião tem acompanhado a humanidade desde os primórdios de sua existência, estando presente ou associada aos diversos elementos que constituem a realidade social, inclusive na literatura. Nesse sentido, Teixeira (2021) estabelece uma correlação entre



literatura e religiosidade, argumentando que ambas possuem a capacidade de entreter, educar, oferecer perspectivas divergentes, reprimir determinadas condutas sociais e promover visões específicas de espiritualidade. O autor sustenta que essa conexão se dá pela presença da religiosidade como um elemento inerente à história da humanidade desde sua gênese.

Adentrando no contexto da literatura brasileira, observa-se que, ao longo do tempo, a religião e a sacralidade passaram a ser gradualmente ofuscadas. Costa (2011) corrobora essa proposição, demonstrando como esse processo se desenvolveu de forma progressiva. No entanto, o autor chama a atenção para uma manifestação religioso-cultural emergente no cenário pós-moderno, que ele denomina de ‘retorno ao religioso’ ou ‘ressacralização’. O estudo evidencia que tal fenômeno ocorreu em decorrência do crescimento de determinadas religiões, cujo objetivo seria a re-sacralização do mundo secular. A socióloga Júlia Miranda (1995, p. 44) designa essa manifestação de: “O ‘retorno do religioso’ ou, em uma terminologia weberiana, o ‘reencantamento do mundo’”, que caracteriza o final deste século, mobilizando estudiosos de diversas áreas “[...], dada a natureza polimorfa desse ‘religioso’, cujas manifestações assumem os mais diversos aspectos”.

Na obra *Torto Arado* (2019), Itamar Vieira Junior explora a religião Jarê, ao mesmo tempo em que apresenta práticas associadas à igreja católica e evangélica. Noro e Gonçalves (2022) explicam a razão pela qual Itamar opta por focar na religião Jarê. De acordo com o autor, aqueles que praticam o Jarê não experimentam a morte no sentido tradicional, mas passam por um processo de transformação. Para Itamar, o Jarê estabelece um vínculo de solidariedade horizontal, no qual aqueles que são curados adquirem o mesmo dom. O autor também ressalta que o Jarê funcionava como um mecanismo de proteção para povos vulneráveis que viviam sob a exploração dos proprietários de terra.

Embora a maioria dos estudos publicados sobre *Torto Arado* (2019) enfatize a luta pela terra, é evidente o quanto a religião está intrinsecamente ligada à narrativa. Tal cenário fica mais visível no segundo capítulo, intitulado ‘Fio de Corte’. Visto isso, no momento que os pais das protagonistas as levam para o hospital – uma delas com a língua decepada – sentem-se constrangidos, pois temem ser vistos como feiticeiros pelo fato de buscarem a cura das filhas por meio de rituais religiosos com ervas, folhas e rezas.

A passagem descrita acima revela que a família depositava sua fé nos poderes atribuídos às rezas e crenças do Jarê. Embora estivessem cientes de que a melhora das



meninas dependeria dos cuidados médicos, o pai vislumbrou no Jarê uma possibilidade de cura para suas filhas. Isso torna-se mais notório quando a narradora, Bibiana, relata que seu pai, no trajeto entre a casa e o hospital, recitava rezas e encantamentos com as folhas de ervas colhidas no quintal. O estudo de Banaggia (2013) corrobora com essa visão, destacando que as ervas utilizadas para curas no Jarê são vistas como instrumentos de poder espiritual, manipulados pelos rezadores em benefício de seus filhos. O autor afirma que os males tratados pelos curadores do Jarê se diferenciam daqueles abordados pela medicina tradicional; entretanto, os praticantes da religião acreditam que a força presente no Jarê pode curar qualquer tipo de enfermidade.

Para Itamar Vieira Junior, o Jarê configura-se como uma rede de solidariedade, a qual os praticantes transmitem o dom da cura ou de receber espíritos encantados aos seus descendentes ou pessoas próximas. Na narrativa, isso é visto após Donana parar resistir e consentir que um curador realizasse trabalhos em favor da cura de seu filho, Zeca Chapéu Grande, que estava sendo tratado como louco. Mais tarde, na vida adulta, em razão de seus dons, Zeca ganhou respeito dentro da comunidade: “não era apenas um compadre. Era pai espiritual de toda a gente de Água Negra” (Vieira Junior, 2019, p. 40).

Diversas vezes, a obra descreve que Zeca realizava seus encantos e rezas por meio do acendimento de uma vela: se ela se mantivesse acesa, o caso tinha cura; se apagasse, o quadro era irreversível. Podemos visualizar em dois momentos na obra esse processo, um que se obteve sucesso e outro que não. O primeiro ocorreu quando Crispina, em quadro de surto, foi encontrada no cemitério da cidade próxima à Água Negra. Assim, Zeca fez: “Acendeu uma vela e a atenção de todos que estavam por perto se voltou para o lume; se permanecesse acesa, Crispina, agora perturbada, poderia ficar; se a chama não resistisse à energia da atmosfera, se apagando, era porque não havia remédio” (Vieira Junior, 2019, p. 35). O segundo momento é descrito após um grande período de estiagem, quando parte das crianças de Água Negra morria antes ou no momento do parto:

As velas que meu pai acendia para cada criança pareciam não querer permanecer acesas: mesmo sem ventos ou golpes de ar, se apagavam. Não havia remédio, dizia sem se conformar com a sua incapacidade de reverter a situação. Que procurassem outro curador ou se conformassem com os desígnios de Deus (Vieira Junior, 2019, p. 69).



Continuando, ao longo da obra *Torto Arado* (2019), são descritas as celebrações dos rituais do Jarê, revelando características centrais dessa prática religiosa. Um dos momentos mais significativos ocorre em dezembro, mês dedicado a Santa Bárbara, quando Zeca, apesar de sentir-se constrangido por vestir roupas femininas, incorpora uma entidade espiritual. Para realizar essa incorporação, o curador dirige-se ao quarto dos santos, onde veste as indumentárias apropriadas: uma saia vermelha, o adé (ornamento) e a espada de Iansã. Durante o momento da incorporação, os presentes, que assistiam ao ato religioso, tocavam tambores e batiam palmas para acompanhar a dança da entidade.

Em consonância com o exposto, Banaggia descreve que:

O Jarê, que pode ser considerado uma espécie de candomblé de caboclos, envolve festas em que praticantes cantam, dançam e em geral permitem que as entidades das quais mais se aproximam se manifestem em seus corpos. Frequentemente há repastos, rituais ou não, e ocasionalmente sacrifícios de animais, quando em ocasiões iniciáticas. As cerimônias têm duração variável, em torno de cinco a dez horas seguidas num único dia. Ocasionalmente podem ser repetidas em mais de um dia consecutivo, em geral dois ou três, ao contrário do que ocorria no passado, quando podia haver até nove dias seguidos de festividades. Ao longo de cada celebração pessoas sensíveis à ação das entidades costumam chegar a receber até uma dezena delas por noite, no total podendo haver, nas casas com maior número de fiéis, até perto de uma centena de incorporações distintas numa única festa (Banaggia, 2017, p. 4).

O artigo de Santos (2020) descreve que os cultos dedicados a Santa Bárbara na região diamantina remontam à formação da comunidade. De acordo com Senna (1973), as ‘velhas nagôs’ eram mulheres negras que se dedicavam com grande empenho aos rituais mágicos das religiões africanas. Essas mulheres passavam o ano inteiro se preparando para a celebração de Santa Bárbara, realizada em forma de procissão pela cidade até um local conhecido como Baixio, onde se encontrava uma árvore chamada Pau de Santa Bárbara. As festividades ou rituais do Nagô em honra a Santa Bárbara incluíam danças, tratamentos e rezas voltadas para a cura de males tanto físicos quanto espirituais. Senna (1973) também observa que esses rituais eram conduzidos em um dialeto de origem africana.

Outra entidade que frequentemente se manifestava nas festas dos Jarês era Santa Rita Pescadeira. Essa entidade, com frequência, incorporava o corpo de dona Miúda, uma idosa viúva que residia próximo ao cemitério da Viração. Apesar da idade avançada, quando Santa Rita se manifestava em dona Miúda, “[...] dava giros hábeis na sala, ora como se



jogasse uma rede de pesca no meio de todos, ora correndo em evoluções como um rio em fúria” (Vieira Junior, 2019, p. 80).

Na pesquisa de Noro e Gonçalves (2022), Itamar Vieira Junior revelou que não obteve informações significativas sobre Santa Rita Pescadeira, uma vez que a última pessoa que a incorporou havia falecido há anos. Diante disso, Itamar construiu a personagem e suas manifestações corpóreas. O título ‘Pescadeira’, atribuído à santa, reflete sua conexão simbólica com os rios. As manifestações corpóreas da entidade são descritas quando ela incorpora o corpo dos praticantes, realizando movimentos que simulam o ato de lançar redes de pesca e ondulações nos braços, imitando o fluxo das águas.

Como observado, é possível afirmar que o Jarê apresenta um certo sincretismo com o catolicismo, uma vez que suas entidades incluem santos venerados pelos fiéis católicos. Além disso, assim como os católicos, os praticantes do Jarê se reúnem para cultuar seres sobrenaturais. Na obra *Torto Arado* (2019), os personagens principais participam das manifestações religiosas do Jarê, muitas das quais se entrelaçam com as práticas da Igreja Católica. Um exemplo disso ocorre quando Bibiana e Severo retornam para casa após um período vivendo na cidade. Em forma de agradecimento pelas chuvas que caíram sobre Água Negra, Salu, Zeca e alguns moradores das localidades vizinhas organizaram uma romaria para os festejos de Bom Jesus da Lapa, que durou 17 dias.

Após o pagamento da promessa, Belonísia narra que:

[...] retornaram bem, queimados de sol, cansados, no entanto revigorados, como sempre acontecia após uma viagem às terras do Bom Jesus, agradecendo ao santo pela romaria, por terem pernas e saúde para caminhar. Voltaram, como sempre, carregados de graça, com imagens, terços e promessas. Voltaram mais velhos na carne, com dores que os acompanharam por semanas, anos, talvez por toda a vida, mas os olhos reluziam como o lume de uma vela, e isso bastava para sabermos que era o que devia ser feito (Vieira Junior, 2019, p. 157).

Segundo Oliveira (2014), a romaria de Bom Jesus da Lapa constitui uma das principais manifestações do catolicismo popular no Brasil. O autor descreve em seu estudo que esse evento representa um fenômeno religioso que atrai um grande número de fiéis, especialmente aqueles que residem no norte de Minas Gerais e no sul da Bahia. A maioria dos participantes é composta por pessoas de baixa renda, incluindo pescadores e lavradores, que se deslocam até o local da romaria utilizando diversos meios de transporte, como automóveis, motocicletas, bicicletas e, em muitos casos, a pé. Os romeiros costumam usar



chapéus de palha adornados com fitas nas cores branca ou verde, em busca de graça e paz para enfrentar o ano vindouro.

O autor de *Torto Arado* (2019) utiliza a temporalidade para evidenciar a evolução dos personagens e dos espaços retratados na obra. Após a morte de Zeca Chapéu Grande, as festividades dos Jarês deixaram de ser realizadas em Água Negra. Nesse contexto, a esposa do novo proprietário da fazenda convidou um pastor para conduzir um culto na localidade. Antes da cerimônia, a mulher e o pastor visitaram as residências dos moradores, estendendo-lhes o convite para participar do evento religioso. Sobre essa passagem, a obra revela: “duas famílias haviam se convertido ao evangelismo, mas continuavam a conviver com as demais sem conflitos aparentes, ainda que renegassem, em privado, as práticas antigas” (Vieira Junior, 2019, p. 226).

Diante do exposto, é fundamental reconhecer a presença do sincretismo religioso em *Torto Arado* (2019): tanto o Jarê quanto o catolicismo referenciam as santas, enquanto o catolicismo e a religião evangélica enfatizam Cristo como o salvador e redentor dos pecados. O sincretismo pode, portanto, ser considerado uma hipótese para explicar a diminuição da prática do Jarê na região da diamantina. Nos últimos capítulos de *Torto Arado* (2019), essa proposição torna-se evidente quando Santa Rita Pescadeira menciona que ficou vagando em busca de corpos para incorporar. Nesse contexto, a entidade relata:

Meu cavalo morreu e não tenho mais montaria para caminhar como devo, da forma que um encantado deve se apresentar entre os homens, como deve aparecer por esse mundo. Desde então, passei a vagar sem rumo, arrodando aqui, arrodando acolá, procurando um corpo que pudesse me acolher (Vieira Junior, 2019, p. 203).

Posto isso, é possível observar que *Torto Arado* (2019) evidencia o universo religioso, demonstrando que esse fenômeno está intrinsecamente ligado às nossas histórias e culturas. Assim, a obra aborda o surgimento do Jarê e a forma como era praticada. O fenômeno do sincretismo religioso, que emerge com a evolução da comunidade, abriu espaço para a presença de outras religiões na narrativa, destacando a interconexão entre elas. Portanto, é fundamental compreendermos o significado dos símbolos sagrados e profanos dentro desse contexto religioso.

2.3 Os significados dos símbolos sagrados e profanos em “Torto Arado”



O mundo é contornado por uma infinidade de símbolos, os quais falam sobre a nosso respeito. Inferimos, assim, que esses símbolos pertencem aos diversos contextos da sociedade, apresentando informações importantes que vão nos ajudar a conhecer o mundo e aquilo que nos rodeia. Nessa perspectiva, entendemos que a literatura é um retrato simbólico da nossa vida, do mundo e de tudo que existe nele. Por isso, alguns críticos literários evidenciam a necessidade da leitura das obras literárias para descobrirmos as coisas no entorno do universo.

Mircea Eliade (2010), renomado estudioso das religiões, corrobora a visão aqui apresentada, ao argumentar que os símbolos desempenham um papel fundamental na facilitação da compreensão do mundo. Em suas próprias palavras, Eliade afirma que “graças aos símbolos, o Mundo se torna ‘transparente’, suscetível de ‘revelar’ a transcendência”. Além disso, o autor destaca que os símbolos revelam “certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento” (Eliade, 1979, p. 13). A partir das reflexões do estudioso, torna-se evidente que os símbolos são essenciais para a compreensão da realidade que nos cerca. Dado o exposto, é possível afirmar que os símbolos também desempenham um papel primordial na construção do conhecimento, devido ao seu conteúdo informativo, tanto em sua forma externa quanto em sua essência.

No campo literário, Wanderley (2019, p. 12-13) observa que “o símbolo é um dos signos mais utilizados [...] quando se trata de expressar a relação que determinados objetos mantêm com o contexto social, cultural e histórico ao qual pertencem [...]”. De acordo com a autora, os símbolos são signos manifestados por meio de ideias, palavras e expressões, conferindo um sentido conotativo ao que está sendo comunicado, uma vez que “algo a mais está sendo dito através de palavras e símbolos usados na obra”. Wanderley também ressalta que os símbolos não são empregados de maneira aleatória nas obras literárias, mas sim com o propósito de enriquecer a leitura com maior detalhamento. Dessa forma, cabe ao leitor o papel de observar, refletir e analisar os motivos por trás da utilização de determinados símbolos, bem como o impacto que esses elementos simbólicos exercem na interpretação da obra.

Ao adentrarmos o contexto de *Torto Arado* (2019), torna-se evidente a presença de um sistema de interligação entre símbolos sagrados e profanos, o que contribui para uma compreensão mais profunda do significado de cada símbolo e daqueles que o circundam. O



estudo de Ferreira (2017) ressalta a existência de uma correlação entre os significados simbólicos, evidenciando que, apesar de possuírem certa independência, as interpretações são interdependentes, sendo geradas umas a partir das outras de maneira contínua. Nesse cenário, Itamar Vieira Junior explora de maneira notável o universo simbólico sagrado e profano, pois, ao longo das várias ações da narrativa, os símbolos emergem em uma rede de significações. Essa rede simbólica, por sua vez, enriquece a compreensão da trama, tornando-a mais densa e significativa (Wanderley, 2019).

Diante dessa premissa, podemos destacar alguns dos significados atribuídos aos elementos sagrados e profanos presentes em *Torto Arado* (2019). Inicialmente, é pertinente recordar a passagem em que ocorre o acidente com a faca, que fere a língua de Bibiana e decepa a de Belonísia. Após o incidente, no retorno do hospital, Zeca entra no quarto dos santos e acende uma vela, gesto que simboliza gratidão e celebração pela vida de suas filhas. Um dos símbolos sagrados que se destaca nesse trecho é a vela. Conforme Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 934), a vela é descrita como um “símbolo da vida ascendente”. Esse significado se relaciona de maneira íntima com o ocorrido na narrativa, pois o ato de acender a vela, realizado por Zeca, tinha o objetivo de agradecer aos santos pelos dias adicionais de vida concedidos às suas filhas.

O ato religioso do acendimento da vela confere uma dimensão ascendente à vida de Bibiana e Belonísia, refletindo o simbolismo da vela como portadora de luz e vida. Ao longo da narrativa, essa ascendência se torna evidente, uma vez que as protagonistas demonstram um desenvolvimento pessoal significativo. Elas se tornam mais resilientes diante das adversidades impostas pelo tempo, pelas lutas e pelas causas enfrentadas pela comunidade quilombola. Dessa forma, o símbolo da vela não apenas aponta para a gratidão pela vida, mas também para o crescimento e a transformação das personagens ao longo da trama.

Em outras partes da obra, a vela é usada por Zeca em trabalhos de partos ou quando algum doente o procura para curar enfermidades. Caso a chama apagasse, em ocasiões de partos, a criança morreria, se tornaria anjo, e se fosse para o sujeito que solicitou a cura, não resistiria. Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 934) revelam que “tantas velas [...] tantas etapas no caminho da perfeição e felicidade”. Os autores citados associam o simbolismo da vela à sua chama, que representa as forças ativas de todos os elementos da natureza. Ainda, a chama está ligada ao simbolismo “da individuação ao cabo da vida cósmica elementar que nela vem se concentrar”.



De acordo com a análise de Chevalier e Gheerbrant (1998) sobre o simbolismo da vela e da chama, entende-se que esses elementos estão diretamente associados à vida humana, representando forças ativas que influenciam o ciclo vital. Em *Torto Arado* (2019), o uso da vela e da chama está intimamente relacionado às condições de permanência da vida, seja no contexto de partos, seja na busca pela cura de enfermidades. Assim, a vela e sua chama assumem múltiplos significados, atuando como símbolos polissêmicos dentro da narrativa. Elas representam tanto a vida em ascensão — com o agradecimento pela sobrevivência das personagens — quanto a possibilidade da morte, quando sua chama se apaga em momentos críticos. Dessa forma, esses símbolos carregam diversas camadas de sentido, oscilando entre a vitalidade e a finitude.

Em sentido antagônico, Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 232) também abordam a chama como um símbolo profano, associando-a a aspectos negativos e destrutivos. Nesse contexto, a chama é apresentada em seu caráter pervertido, pejorativo e noturno. Conforme os autores descrevem, a chama da vela é "o brandão da discórdia, o sopro ardente da revolta, o tição devorador da inveja, a brasa calcinante da luxúria, o clarão mortífero da granada". Esse simbolismo negativo encontra ressonância em *Torto Arado* (2019), a qual o fogo se torna um elemento de destruição e conflito. Isso é exemplificado quando os proprietários das terras onde se desenrola a trama ordenam o incêndio do galinheiro da família de Zeca Chapéu Grande, numa tentativa de forçá-los a partir ou silenciá-los diante das injustiças vivenciadas pelos quilombolas. Nesse caso, a chama, que em outras partes da narrativa simboliza a vida e a cura, aqui se transforma em um instrumento de discórdia e opressão, revelando sua natureza ambígua e polissêmica. Assim, *Torto Arado* (2019) explora o duplo sentido do fogo e da chama, tanto como símbolos de ascensão e renovação quanto de destruição e violência.

Conforme apontado anteriormente nesta pesquisa, os significados atribuídos aos símbolos variam conforme o contexto cultural e a localidade em que as pessoas vivem. Nesse sentido, em algumas culturas influenciadas pelo cristianismo, a chama é frequentemente vista como um elemento simbólico sagrado. No contexto bíblico, especificamente no Antigo Testamento, no livro de Êxodo (3-4), Deus aparece a Moisés sob a forma de uma sarça ardente, um fogo que, apesar de arder, não se consumia. Esse evento, ao longo do tempo, foi resignificado, e atualmente, em religiões (neo)pentecostais, é conhecido como “fogueira santa”.



Segundo Oliveira (2020, p. 48), para essa comunidade evangélica, a “fogueira munida de santidade” evoca o “fogo santo de Deus” presente na narrativa mitológica cristã. Trata-se de uma simbologia poderosa, uma representação de poder e purificação, na qual “as impurezas e os males são retirados e consumidos”. Nesse cenário, a chama adquire um significado de transcendência e purificação, sendo usada como símbolo de renovação espiritual e eliminação do mal, reforçando sua relevância dentro do universo cristão.

Um dos fenômenos simbólicos de maior representatividade em *Torto Arado* (2019) é a morte. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 621), esse fenômeno é associado ao “perecível e destrutível da existência” humana, revelando sua conexão intrínseca com o simbolismo da terra, que indica “aquilo que desaparece da evolução irreversível das coisas”. Os autores do *Dicionário de Símbolos* destacam a morte sob duas perspectivas antagônicas: como a transição para dois mundos desconhecidos — o paraíso ou o inferno. Ao definirem o significado da morte, Chevalier e Gheerbrant (1998) correlacionam o mundo do paraíso ao sagrado, enquanto o inferno é associado ao profano. Assim, os indivíduos que permanecem apenas na esfera material, sem conexão com o espiritual, são vistos como destinados à sombra dos infernos, no reino do pecado. Em contrapartida, aqueles que buscam a vivência no plano espiritual são retratados como destinados a viver eternamente na luz.

Em *Torto Arado* (2019), embora não sejam explicitados os destinos dos personagens após suas passagens pelo plano terrestre, sugere-se que a morte é compreendida dentro de um contexto que exalta uma dimensão espiritual. Essa concepção se torna especialmente relevante no âmbito da religião jarê, uma vez que, as entidades espirituais incorporam os corpos dos rezadores para realizar curas e tratamentos de enfermidades. Nesse sentido, a morte é interpretada como uma transição: ao deixar o plano terrestre, a vida continua em um plano espiritual, distante dos prazeres da carne e das limitações do corpo físico.

Essa visão reflete uma compreensão mais abrangente da existência, na qual a morte não representa um fim definitivo, mas um processo de continuidade em uma forma distinta de vida. Ao enfatizar a transcendência espiritual, nota-se em *Torto Arado* (2019) que a morte, longe de ser uma cessação total, faz parte de um ciclo em que a existência se prolonga além da materialidade, inserida em uma esfera onde o espiritual prevalece.

O significado da morte em *Torto Arado* (2019) está diretamente relacionado à reflexão de Itamar Vieira Junior, conforme apontado no estudo de Noro e Gonçalves (2022): “tudo



que está vivo depois morre e, após a morte, depois vive”. Essa ideia se materializa na narrativa da obra, visto que a morte não representa o fim, mas um processo de transformação e renovação. Após as mortes dos personagens Zeca, Tobias e Severo, a trama segue por rumos mais vibrantes e sólidos, evidenciando que o falecimento dessas figuras impulsiona a mudança e o crescimento de alguns personagens que permanecem.

A morte de Zeca, por exemplo, foi essencial para que Severo ganhasse coragem e fundasse a associação dos moradores de Água Negra. Após a morte de Tobias, Belonísia se tornou mais destemida e determinada, assumindo a tarefa de manejar a terra e de reconhecer os sinais da natureza. Da mesma forma, a morte de Severo permitiu que Bibiana emergisse como uma mulher mais inteligente e corajosa, disposta a enfrentar os proprietários de Água Negra e as autoridades locais. Deste modo, a morte em *Torto Arado* (2019) está intimamente ligada à vida, no sentido de que as personagens Bibiana e Belonísia, após as perdas de seus entes queridos, renascem transformadas, revelando uma nova força e identidade.

Portanto, a morte na obra não é apenas o término de uma existência, mas também um catalisador para a renovação e a reconfiguração de novas trajetórias de vida. Essa dinâmica reforça o caráter cíclico da morte e da vida, em que a perda de um ente querido permite o florescimento de novas perspectivas e comportamentos, alinhando-se à visão de transformação e continuidade espiritual presente na obra.

Utilizando a onomástica, campo de estudo linguístico que analisa os nomes próprios, é possível identificar uma conexão entre os nomes das personagens Belonísia e Bibiana e suas respectivas personalidades, que se evidenciam ao longo da narrativa de *Torto Arado* (2019). De acordo com esse campo de estudo, o nome Belonísia, uma variação de Belonízia, está associado a significados como sucesso, liberdade e otimismo. Já o nome Bibiana remete a atributos como autoridade, liberdade, tranquilidade e preocupação com o lar.

Ao analisarmos o perfil das personagens, sob a perspectiva dos polos sagrados e profanos, percebemos que essas qualidades se refletem em suas trajetórias. Assim como mencionado anteriormente, os sujeitos são polissêmicos, transitando entre o sagrado e o profano, as personagens de *Torto Arado* (2019) personificam essa transmutação: vivem o sagrado por meio de sua fé e de sua participação nas práticas religiosas, sendo frequentadoras assíduas dos cultos realizados em homenagem às entidades espirituais. Ao mesmo tempo, vivem o profano, expressando sentimentos de raiva e insatisfação, seja em



relação aos proprietários de Água Negra, seja nas tensões familiares. Logo, os nomes Belonísia e Bibiana não apenas caracterizam traços individuais, mas também refletem o equilíbrio entre o sagrado e o profano, aspectos centrais da construção identitária das personagens. Esse dinamismo, presente na narrativa, reforça a ideia de que os indivíduos são compostos por múltiplas facetas, transitando entre diferentes dimensões da existência, tanto espiritual quanto material.

Ainda utilizando a onomástica como ferramenta de análise, é possível desvendar o significado do nome de outra personagem de destaque em *Torto Arado* (2019): Donana. O termo "Dona" é uma forma respeitosa de tratamento para mulheres mais velhas, simbolizando o respeito e a autoridade associada às anciãs. Já 'Ana' é um dos nomes femininos mais recorrentes na Bíblia. No Antigo Testamento, Ana era uma mulher estéril que, após fazer votos a Deus, conseguiu engravidar. No Novo Testamento, Ana é a mãe da Virgem Maria e avó de Jesus, reforçando a conexão com o contexto sagrado.

Em *Torto Arado* (2019), Donana incorpora esse simbolismo bíblico e sagrado. Ela foi a primeira em sua família a manifestar traços do Jarê, possuindo um corpo “aberto” para receber as entidades espirituais. Além disso, foi a responsável por perpetuar essa tradição religiosa dentro da família, sendo fundamental para a prática do Jarê na comunidade de Água Negra. Donana também teve um papel crucial na formação espiritual de Zeca Chapéu Grande, levando-o a um curador para prepará-lo a receber as entidades e promover os cultos do Jarê.

No entanto, Donana também carrega o peso do profano, evidenciado pela maldição da faca. Após assassinar seu ex-companheiro, ela viveu até o fim de sua vida sob os castigos desse ato, ficando presa ao mundo da profanidade. Assim, Donana representa o dualismo entre o sagrado e o profano, sendo ao mesmo tempo uma figura de autoridade religiosa e uma pessoa marcada pela culpa e pelo pecado.

A bebida é outro símbolo presente em *Torto Arado* (2019), sendo retratada predominantemente como um fenômeno profano. Na obra, os personagens que consomem bebida alcoólica, como Tobias e o marido de Maria Cabocla, sofrem uma modificação em suas personalidades, tornando-se mais agressivos. Essa caracterização se aproxima do significado descrito por Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 127) no *Dicionário de Símbolos*, que associam a bebida a um mecanismo capaz de alterar as personalidades das pessoas, transformando-as. No dicionário, a embriaguez é descrita como um "pretexto para



exercícios da linguagem ou para abandonar-se ao sono do esquecimento”, sugerindo que o consumo excessivo de álcool pode ser visto como uma fuga da realidade.

Em *Torto Arado* (2019), a bebida é percebida como um símbolo profano justamente porque, nas passagens em que aparece, é consumida em excesso, inclusive em contextos religiosos. Os personagens Tobias e Aparecido exemplificam como o consumo descontrolado de bebida os conduz a um mundo pervertido e pecaminoso: Tobias, por exemplo, envolve-se em um relacionamento extraconjugal, enquanto Aparecido utiliza o álcool como pretexto para agressões contra mulheres. Estudos como os de Ramos (2022) e Resende *et al.* (2021) corroboram essa interpretação, sugerindo que a bebida em *Torto Arado* (2019) serve como um catalisador para a violência, particularmente contra figuras femininas, reforçando sua natureza como um símbolo profano.

Entretanto, apesar de sua representação profana na obra, é importante lembrar que a bebida também possui um valor sagrado no contexto cristão. O primeiro milagre de Jesus, conforme registrado na Bíblia, foi a transformação da água em vinho durante as bodas de Caná. Esse milagre eucarístico conferiu ao vinho um lugar de destaque nas celebrações religiosas cristãs, pois é simbolicamente associado ao sangue de Cristo, o redentor que veio para libertar os homens do pecado. Assim, enquanto em *Torto Arado* (2019) a bebida é retratada como um elemento de degradação e violência, no cristianismo ela assume um papel sagrado e redentor, evidenciando a dualidade simbólica que esse elemento pode carregar.

Na obra *Torto Arado* (2019), observa-se uma distinção clara entre as perspectivas de Belonísia e Tobias sobre suas relações íntimas, refletindo abordagens divergentes em relação ao significado do ato sexual. Para Belonísia, o sexo representa uma oportunidade de união, amadurecimento e construção familiar. Essa visão confere um caráter sagrado ao ato, pois, segundo ela, ele permite que duas pessoas se tornem uma unidade, como descrito por Chevalier e Gheerbrant (1998), que comparam essa união simbólica à fusão entre o sol e a lua, ou entre o espírito e a alma.

Por outro lado, para Tobias, o sexo é percebido como um momento de prazer e alívio das tensões cotidianas. Essa abordagem se aproxima da concepção profana apresentada no *Dicionário de Símbolos* por Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 832), visto que o ato sexual é descrito como uma forma de aliviar tensões e alcançar a “realização plena do ser”. Essa interpretação do sexo como algo voltado ao prazer imediato e à satisfação pessoal distancia-



se da concepção sagrada de Belonísia, enfatizando a desconexão entre as expectativas e valores dos personagens. A dualidade entre o sagrado e o profano em relação ao sexo é, portanto, evidenciada pelas diferentes acepções dos personagens. Enquanto Belonísia valoriza o ato como uma forma de fortalecimento de laços e construção de um futuro conjunto, Tobias o enxerga como um escape momentâneo, desprovido do compromisso e da profundidade emocional que Belonísia buscava.

No contexto histórico da obra, é comum que os pais escolhessem e consentissem os relacionamentos de seus filhos, e o relacionamento de Belonísia e Tobias não foge a essa prática. Zeca, o pai de Belonísia, consentiu a união abruptamente, e os dois passaram a viver juntos sem que ela tivesse a oportunidade de conhecer mais profundamente seu futuro companheiro. Com o passar do tempo, Belonísia percebe uma mudança negativa no comportamento de Tobias. Ele gradualmente se desleixa, adotando atitudes de desrespeito, falta de ética, responsabilidade e compromisso em suas ações conjugais. Essa deterioração do caráter de Tobias evidencia a disparidade entre suas visões sobre o relacionamento e reforça a noção de que o sexo, em *Torto Arado* (2019), é apresentado tanto na vertente sagrada quanto na profana, refletindo os conflitos internos e interpessoais entre os personagens.

Em *Torto Arado* (2019), apesar de a estiagem ser um dos temas centrais, a água emerge como um símbolo multifacetado, presente em diferentes manifestações, especialmente nas religiosas e nos fenômenos naturais, como as enchentes. Esse elemento, carregado de significados tanto sagrados quanto profanos, merece uma análise aprofundada em ambas as vertentes.

No campo sagrado, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (1998), a água é um símbolo de purificação, renovação e fonte de vida. Ela possui o poder de dissolver o ser e oferecer uma espécie de renascimento, uma renovação espiritual que remete às origens. Esse significado é particularmente evidente nos rituais de batismo cristão, nos quais a água simboliza a purificação do espírito e o início de uma nova vida espiritual. Sobre o batismo, Eliade (1979, p. 147) observa que “o ato de imersão na água significa a dissolução das formas, a morte com o renascimento”. Ele explora, em sua obra *Imagens e Símbolos*, a ideia de que o contato com a água promove uma regeneração, pois a imersão não só dissolve o velho ser, como também fertiliza e intensifica o potencial da vida. Dessa forma, a água, em rituais religiosos, não só purifica, mas também renova e revitaliza.



No entanto, o simbolismo da água não se restringe ao sagrado. Chevalier e Gheerbrant (1998) também destacam a natureza polissêmica desse elemento, enfatizando seu poder destrutivo, o que o posiciona também na vertente profana. A água, assim como o fogo, pode ser usada em provas de julgamento divino, conforme demonstrado em antigos ritos judiciais. A passagem bíblica do dilúvio é um exemplo claro dessa dualidade: ao mesmo tempo que a água é fonte de vida, ela também possui o poder de destruir e aniquilar. Nesse contexto, o dilúvio é descrito como um evento catastrófico que exterminou a maior parte dos seres vivos, representando o lado destrutivo e punitivo da água.

Em *Torto Arado* (2019), a água assume um papel central. Itamar Vieira Junior nomeia o cenário principal de sua obra como Água Negra, em alusão aos rios escuros que cortam a região. No entanto, a localização geográfica e a escassez de chuvas transformam Água Negra em um ambiente árido e inóspito, onde a seca predomina. Quando as chuvas finalmente chegam, são vistas como um verdadeiro milagre divino, e o cenário estéril é rapidamente transfigurado: o solo seco dá lugar ao verdejante, e a fartura toma conta da região.

Assim, a água, em *Torto Arado* (2019), carrega em si um simbolismo sagrado e profano. Por um lado, ela é associada à renovação e fertilidade, mas, por outro, ao poder destruidor. O ambiente de Água Negra, constantemente moldado pela presença ou ausência desse elemento, reflete essas características dualísticas. Dessa maneira, a água não só atua como um símbolo de vida e destruição, mas também influencia o ritmo da trama, afetando a vida e as ações dos personagens de forma determinante.

No final de *Torto Arado* (2019), grande parte dos capítulos é narrada por Santa Rita Pescadeira, uma entidade cuja importância é sutilmente destacada ao longo da obra. Embora Itamar Vieira Junior tenha afirmado na entrevista com Noro e Gonçalves (2022) que não se sabia quando a entidade tomou posse de um corpo, é evidente a relevância que o autor conferiu à presença de Santa Rita na ficção. Ainda que não haja descrições precisas da aparência da encantada, Itamar representa suas manifestações com movimentos ondulatórios dos braços, imitando as ondas do mar e a ação de lançar uma rede de pesca, evidenciando sua forte ligação simbólica com a água.

Dada a representatividade de Santa Rita Pescadeira na obra, é fundamental analisar os símbolos sagrados associados à entidade durante as festividades do Jarê. Um dos principais é a rede de pesca, que, segundo Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 773), é um objeto



sagrado em várias culturas, funcionando como um vínculo de conexão com forças espirituais. No contexto cristão, a pesca é também um símbolo de conversão e salvação, especialmente associado à figura de São Pedro, o apóstolo pescador, que resgata os homens dos pecados. A rede, nesse sentido, é um símbolo polissêmico que une elementos religiosos de diferentes matrizes, representando tanto o sagrado quanto a ideia de captura espiritual.

Além disso, *Torto Arado* (2019) proporciona uma valiosa perspectiva sobre a preservação de manifestações culturais e religiosas no Brasil. Embora existam relatos de que o Jarê não é mais praticado, a descrição detalhada de suas manifestações na obra serve como um registro cultural, oferecendo acesso a informações sobre essa religião para futuras gerações. Ao longo do romance, Itamar explora a diversidade religiosa, evidenciando as múltiplas práticas espirituais presentes no Brasil e as semelhanças que existem entre elas, destacando o caráter polissêmico e multicultural da religiosidade brasileira.

Outro símbolo relevante no romance é a noite, que aparece de forma preponderante nos últimos capítulos, quando Santa Rita Pescadeira toma posse dos corpos de Belonísia e Bibiana para planejar e executar o assassinato de Salomão. No contexto da obra, a noite é retratada como um símbolo profano, associado à escuridão, ao sono, à morte e ao engano, conforme apontado por Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 639-640). Para os autores, "entrar na noite é voltar ao indeterminado, onde se misturam pesadelos e monstros, as ideias negras". Esse simbolismo é evidente em *Torto Arado* (2019), onde o período noturno é o momento ideal para realizar ações secretas, como o crime cometido pelas irmãs sob a influência de Santa Rita, sendo a escuridão um artifício para ocultar suas identidades e evitar a responsabilização.

Diante dessa análise, é claro que Itamar Vieira Junior, em *Torto Arado* (2019), apresenta um rico universo de religiosidade, explorando uma ampla gama de manifestações espirituais e seus símbolos sagrados e profanos. Ao destacar esses elementos, o autor sublinha a importância da religiosidade na formação do indivíduo e da sociedade. Os símbolos presentes na obra — sejam eles de caráter sagrado ou profano — funcionam como instrumentos que convidam à reflexão sobre suas funções e significados no universo, além de promover discussões culturais, sociais e históricas de grande relevância. Assim, a literatura se torna um espaço fundamental para a valorização e o estudo desses símbolos, essenciais para a compreensão da condição humana em seu contexto sociocultural.



Considerações finais

Torto Arado (2019) é uma das obras literárias brasileiras mais lidas e premiadas na atualidade. No âmbito de sua narrativa, destaca-se a relevância de diversos fenômenos, como a religiosidade. A religião em *Torto Arado* (2019) não é apresentada de maneira reducionista, afastando-se da ideia de que a figura de uma divindade é imprescindível para sua definição. Ao abordar a religiosidade como um dos temas centrais da obra, observa-se a interconexão cultural entre as religiões Jarê, catolicismo e protestantismo, evidenciando assim o processo de sincretismo.

Outro processo relacionado à religião, embora tratado de forma mais superficial em nossa pesquisa, é o hibridismo religioso. O hibridismo revela como a religião se transforma ao longo do tempo, evidenciando a evolução do fenômeno religioso, o que explica a ausência e a atualização de ritos e cerimônias sagradas.

O simbolismo presente em *Torto Arado* (2019) é um recurso que enriquece a obra, possibilitando interpretações estéticas. Essa rede de significações sensibiliza os indivíduos, influenciando seu processo formativo cultural, social, religioso e histórico. A análise dos símbolos sagrados e profanos realizada na pesquisa proporcionou uma compreensão mais profunda de certos elementos de *Torto Arado* (2019), corroborando para que, a partir dessa experiência simbólica e literária, possamos aplicar esse conhecimento em nossa vida cotidiana e na compreensão do mundo.

Diante do exposto, é evidente que nossa pesquisa apresenta limitações, uma vez que o universo do simbolismo sagrado e profano é extenso e varia de cultura para cultura, exigindo apreciações, novos olhares e ressignificações. Nesse sentido, para preencher algumas lacunas do conhecimento acerca do simbolismo sagrado e profano, é imprescindível o surgimento de novas investigações. Assim, a compreensão sobre os símbolos sagrados e profanos será ampliada, oferecendo oportunidades para conhecê-los sob diferentes perspectivas culturais.

Referências

BANAGGIA, Gabriel. **As forças do jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina** – Rio de Janeiro. 2013. 460f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UFRJ, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2013.



CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. RJ: José Olympio, 1998.

COSTA, Rafael Magno de Paula. Presença de sacralidade na literatura. **Estação Literária Londrina**, Londrina, v. 8, parte B, p. 48-57, dez. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8BArt05.pdf>. Acesso em: 3 out. 2022.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Lisboa: Arcádia, 1979.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FERREIRA, Susan Ramos de Oliveira. **Entre símbolos e signos**: a novela gótica “the turn of the screw” a luz da semiótica Peirceana / Susan Ramos de Oliveira Ferreira. Guarabira: UEPB, 2017. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/14354/1/PDF%20-%20Susan%20Ramos%20de%20Oliveira%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.

MIRANDA, Julia. **Horizontes de bruma**: os limites questionados do religioso e do político. São Paulo: Maltese, 1995.

NORO, Natália Souza; GONÇALVES, Marta Aparecida Garcia. **Uma história de amor pela terra**: o fenômeno literário de torto arado – entrevista com Itamar Vieira Junior. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 41, p. 530-559, jun. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/188769/183643>. Acesso em: 13 out. 2022.

OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva S. de. **Romaria do Bom Jesus da Lapa**: reprodução social da família e identidade de gênero feminina. 2014. 245f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2014. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/768/1/SANDRA%20CELIA%20COELHO%20GOMES%20DA%20SILVA%20SERRA%20DE%20OLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2022.

OLIVEIRA, Emerson Santos. **Igreja Universal do Reino de Deus** – Construção de símbolos e significados da Fogueira Santa de Israel (1998-2010). Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana. 2020. Disponível em: http://www.historia.uefs.br/arquivos/File/Monografias_Defendidas/2020/Monografia_Emerson_Santos_Oliveira.pdf. Acesso em: 03 jan. 2023.

RAMOS, Anna Paula Dionísio. **Representações de mulheres no romance “Torto Arado”, de Itamar Vieira Junior** - Artigo (Graduação – Licenciatura em Letras à Distância) – IFPB / Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras à Distância – 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/bitstream/177683/2291/1/Representa%C3%A7%C3%B5es%20de%20mulheres%20no%20R%20T%20Arado%2C%20%20Itamar%20V%20J%20C%20BAnior%20-%20Ana%20Paula%20Dion%C3%ADsio%20Ramos.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.

RESENDE, Joelma de Araújo Silva; COSTA, Margareth Torres de Alencar; OLIVEIRA, Maria Helena de. A resistência da mulher negra em Torto Arado, de Itamar Vieira Jr. **Revista de Literatura, História e Memória**. Cascavel, v. 17, v. 30, p. 24-37, 2021. Disponível em: <https://erevista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/download/27995/20212/109273>. Acesso em: 28 nov. 2022.



SANTOS, Cristiane Andrade. O jaré nas mídias: representações de África(s) e estereótipos. **Dados de África(s)**, vol. 1, n. 1, p. 97-108, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/dadosdeafricas/article/view/9881>. Acesso em: 16 out. 2022.

SENNÁ, Ronaldo de Salles. **Garimpo e religião na Chapada Diamantina**: um estudo do jarê variante regional do sincretismo candomblé de caboclo-umbanda. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1973.

SOUSA, Nadiel Cavalcante de. **O corpo na festa junina**: reflexões simbólicas e estéticas para a Educação Física. 2018. 165f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/26169?mode=full>. Acesso em: 14 nov. 2022.

TEIXEIRA, Jorgemar. O papel da leitura na construção da literatura e da religiosidade. **Signos**, Lajeado, ano 42, n. 1, p. 301-313, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/352635022_O_PAPEL_DA_LEITURA_NA_CONSTRUCAO_DA_LITERATURA_E_DA_RELIGIOSIDADE. Acesso em: 25 out. 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

WANDERLEY, Suellen Carla Rocha da Silva. **O fogo como símbolo de conforto, destruição e regeneração em Jane Eyre**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras Inglês) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Guarabira, 2019. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/23265/PDF%20-%20Suellen%20Carla%20Rocha%20da%20Silva%20Wanderley?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 nov. 2022.

